

A Construção de uma Identidade Pantaneira

Eudes Fernando Leite – UFMS/Dourados

Neste texto, parto de algumas observações feitas por Michael Pollak¹ a respeito da memória e suas articulações com a identidade, em especial, a identidade social, procurando demonstrar a imbricação entre memória e identidade, discutindo a problemática da identidade pantaneira. Pollak, intelectual austríaco (Viena, 1948-1992) dedicou parte significativa de suas reflexões à temática da identidade social. No Brasil, sua presença parece ter sido marcante, especialmente frutífera quando esteve no CPDOC e no Museu Nacional, no final dos anos 1980. Dois textos publicados na Revista Estudos Históricos, em 1989 e 1992, parecem-me de importância singular para reflexão da problemática entre memória, identidade social e história de vida, pois fazem um balanço dessas questões, articulando-as e demonstrando sua importância naquele momento e, penso, no presente.

O autor em tela é enfático ao tomar um aspecto importante da história oral, metodologia que possibilita a produção de um tipo de fonte plurissignificativa para as pesquisas em alguns campos de investigação nas humanidades, que é a recolha de um tipo de memória, individual ou coletiva, impondo a partir de então determinados problemas na forma de tratamento desse material.

A preocupação com a construção do fenômeno *mnemônico* já fora tratado por Halbwachs², nos anos 1920-30 e tem recebido novas e revigoradoras contribuições, na mesma trilha, que indicam a presença da experiência coletiva no forjar da memória e, em seguida, proporcionando mutações constantes na sua forma de permanência. De acordo com Pollak, a memória necessita de, pelo menos, três fatores contributivos para seu aparecimento e existência, a saber: a) os acontecimentos; b) as personagens e, c) os lugares. A partir desses três fatores, é possível compreender melhor, partindo de algumas

entrevistas feitas com pantaneiros, circunstâncias e características que indicam o formato e as características de uma identidade coletiva que se assenta muito fortemente no pressuposto da diferenciação e, conseqüentemente, articulação como a noção de pertencimento à nação brasileira. Nesse sentido, lançar o olhar para a existência de uma noção identitária, cujo circuito espacial pode ser denominado de regional, não a exclui, ao cabo, da relação e/ou subordinação da identidade coletiva brasileira.

Sob tal perspectiva, é possível compreender alguns pontos da identidade pantaneira, tomando por base entrevistas realizadas com moradores – trabalhadores de fazenda de gado – da sub-região conhecida como Nhecolândia.

Para aclarar essas ponderações, passo a tratar de aspectos que corporificam o fenômeno do qual trato nesse *paper*. No dia 21 de dezembro de 1996, nos dirigimos até uma modesta residência, instalada na periferia de Corumbá, cidade localizada no pantanal sul-mato-grossense. A nossa espera, encontramos o senhor Valdomiro Lemos de Aquino, na ocasião com 60 anos de idade. O senhor Valdomiro encontrava-se bastante tímido, sem deixar de ser acolhedor, revelava certo grau de preocupação com nossa presença, mesmo porque há tempos insistíamos com ele, por meio de uma sua filha, na importância de sua entrevista e, por decorrência, de sua narrativa.

Classifico a entrevista do senhor Valdomiro Lemos de Aquino como um “diálogo agradável”, mas cujo resultado ou conteúdo, em princípio, pouco acrescentara às nossas pesquisas sobre a experiência de vida do homem pantaneiro. Contudo, se essa entrevista não apresentou “avanços” informativos face às outras já realizadas, seu conteúdo e, especialmente, a leitura e a representação exposta pelo entrevistado confirmaram muitas informações já conhecidas, revelando assim sua concatenação com a história local e, portanto, sua singularidade no contexto da consolidação de uma memória coletiva e da identidade pantaneira.

O cerne da entrevista constitui-se da experiência vital do senhor Valdomiro, o que a circunscreve no âmbito das histórias de vida. Mas essa experiência vital, ao ser narrada, apresenta o ato memorativo que caracteriza o encontro em que ocorreu a gravação. Nesse centro e em sua substância se manifesta o ato operacional de organização discursiva, cujo objetivo era responder às indagações feitas pelos entrevistadores. O conteúdo, portanto, dessa entrevista traz componentes de âmbito coletivo, herdados e ou vivenciados em comum, mediados pelo instante da rememoração (Pollak, 1992). Nessa linha, adiro à compreensão e alerta de Ecléa Bosi a respeito da fonte oral que “[...] sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa”³.

As respostas apresentadas aos estímulos que as questões proporcionavam ao entrevistado apresentavam muitos componentes que caracterizam a compreensão do senhor Valdomiro no campo identitário regional: o pantaneiro. O fio condutor de sua noção de pertencimento decorre da auto-inserção no “universo” regional, provocando suas capacidades de resistir e enfrentar eventos rotineiros com algum sucesso. De uma maneira geral, as linhas que prendem o entrevistado ao Pantanal estão essencialmente concatenadas às estratégias de vida bastante arraigadas na região e, ainda, à singularidade de sua vida, que ele procura relatar enquanto conjunto de eventos inseridos numa temporalidade pessoal.

A história de vida do senhor Valdomiro encerra sua compreensão e rememoração a respeito de fenômenos individuais e coletivos, mas que conferem um significado particular à sua existência, porque dizem respeito à vivência única e insubstituível do narrador. Uma tal constatação é importante por conta de sua obviedade mesma, ou seja, o sentido e formato do auto-entendimento do entrevistado é revelador no instante em que espelha componentes universais e regionais mesclados pela experiência do indivíduo que compartilha de impressões e sensações perceptíveis em outras personagens.

Encontrar os componentes que conformam um tipo regional, a partir da entrevista do senhor Valdomiro, pressupõe como importante as características regionais na narrativa recolhida. O esboço identitário, por sua vez, traz à tona o significado recente do espaço regional no *face-to-face* do sentimento de nacionalidade, ou brasilidade. O Pantanal brasileiro, desde os anos 1960, foi progressivamente transformado em um ambiente paradisíaco. Uma tal imagem representativa foi sendo associada à outra que remete aos debates a respeito da identidade regional, ganhando evidência na mídia a figura do pantaneiro. De fato, o fortalecimento da identidade regional está articulado à propagação de noções identitárias brasileiras, funcionando como um contraponto à ampliação do conhecimento das características culturais – e econômicas – no país e fora dele. De acordo com essa compreensão, a identidade em questão articula-se às demandas locais – e mesmo midiáticas – na direção de valorizar características regionais como artefatos que corroborem a factibilidade de uma sociedade e uma região singulares.

Focalizar esses – e outros – aspectos na fala do senhor Valdomiro reclama a presença do verbal entrevistado. O fragmento abaixo apresenta um dos componentes de auto-valorização do pantaneiro em questão, remetendo, na seqüência, às leituras exóticas sobre o *ser pantaneiro*, lembrada no curso da entrevista. Para o senhor Valdomiro, sua personalidade não prescinde de alterações diante de nós ou de outras pessoas:

- O que eu sô longe do patrão eu sô perto dele; não nego não a minha responsabilidade!

A manutenção de uma imagem e postura diante dos outros é mencionada em um contexto de matização da personalidade e de suas características positivas ou negativas. Há uma remissão, sublunar, ao mundo do trabalho quando se refere às responsabilidades, já que o entrevistado é um capataz de fazenda. A figura do patrão empresta à auto-afirmação um potencial simbólico expressivo: nas relações sociais do Pantanal – igualmente, em outras regiões rurais brasileiras – o proprietário-patrão

caracteriza o poder econômico e encarna um tipo de autoridade, reforçando laços de hierarquia e diferenciação social. Nessa direção, a permanência dos procedimentos e das características pessoais ocupam uma posição de destaque – e de desafio – porque mesmo perante o poder, ela não se altera, denunciando o convencimento do entrevistado a respeito de sua pessoa e seus valores.

De forma complementar, é possível encontrar na descrição do tipo local, o complemento que articula a aparência – relatada a partir de um outro lugar - e a essência compartilhada pelo entrevistado. Perguntado sobre a caracterização do pantaneiro, capturamos um paradoxo interessante de valoração do que não é perceptível ao estranho. No ponto de vista do senhor Valdomiro, há uma imagem captada por estranhos que se difere do homem-real:

[...] o pantanero [...] tem pessoas que acham que o pessoal pantanero são pessoas assim muito bravo, pessoa servage, né? Mas num é! O pantanero são pessoas boa! O pessoar que sabe arrecebê tudo mundo, sabe conversá... Então é deferente do que o pessoar que tem aqui. Como agora, esses dias, lá em casa, chegô um pessoar que vei aqui daqui, esqueço o nome do lugar, então eu tava cunversando com eles. Então eles tavam me falando que lá pra eles contam que aqui no Pantanar a onça pega o pantanero assim. Diz que o pantanero vai lá no peão pantanero e a onça pega o cara. O pessoar já tem esse costume, ninguém vorta, né? Aí eles tiveram em casa. Tiveram uns dois meses em casa... que o pessoar são muito bravo que pantanero são muito bravo, ficam parado assim, numa sombra, cada um com um monte de revolve na cintura. Então tem pessoa que já olha pro camarada que tá parado, o camarada pergunta o que tá olhando, se a pessoa responde, ele já atira [...] Não é assim não. Quer dizer, acontece de matá certos peão, né? Às vezes o peão mata o otro peão, mas é muito difícil, né? Acho que o pirigo é na cidade, né? A cidade é muito forte mas o Pantanar é...⁴

No fragmento acima, destaca-se a imagem enviesada a respeito do pantaneiro. Essa imagem relatada ao entrevistado por um visitante permite o “alinhamento” de uma compreensão que não corresponde ao *ser* regional. Para o senhor Valdomiro, a violência ocorre no ambiente pantaneiro, mas ela está circunscrita a uma situação peculiar, diferindo-se do mesmo fenômeno no espaço urbano. O componente que valoriza e destaca o pantaneiro é sua receptividade e generosidade, embora essa faceta não seja imediatamente perceptível ao visitante. A configuração de um discurso, em cujo interior

encontram-se sinais – mais ou menos intensos – de aspectos que singularizam o habitante pantaneiro, pode ser encontrada em várias entrevistas realizadas com moradores do Pantanal. Quanto à imagem da violência urbana, é interessante notar que o entrevistado vive no Pantanal e seu deslocamento até a cidade de Corumbá ocorre nos finais de ano, somente quando o ramo urbano de sua família não viaja até a fazenda na qual trabalha. Na sua história de vida é evidente sua aversão ao mundo urbano e suas particularidades.

Não é fortuita a presença da situação mencionada na memória do entrevistado. Ela diz respeito à imagem do habitante local, exposta por alguém alheio ao meio que, transposta na fala do senhor Valdomiro, não preenche um perfil identitário desejável. Ao evidenciar a negação da violência extremada – e sem motivos – no seu meio, o entrevistado estabelece um diálogo com uma representação que absolutiza uma imagem, transferindo seu significado para todo um coletivo. Há aí uma negação de um perfil e a tentativa de traçar outro que seja mais coerente com o sentimento de inclusão no tempo e no espaço pantaneiros. A figura desejada para compor o perfil identitário do entrevistado faz parte de uma memória que apresenta componentes mais expressivos e que possivelmente valorizam algumas características e procedimentos em relação a outros. Essa memória procura sinalizar para um paradigma desejável, produzido no contexto da situação do rememorar. Para Bosi:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.⁵

No âmbito do Pantanal, caracterizado como um espaço particular no território brasileiro, a idéia de pertencer ao “mundo local” significa compartilhar saberes e, ainda, possuir ligações mais intensas com o *modus vivendi* e o *modus faciendi* regional. Uma tal forma de identidade localiza a possibilidade de pertencimento pressupondo as

experiências de vida possíveis naquele espaço, mesmo que o Pantanal apresente diversidades internas bastante expressivas. O domínio de algumas práticas de trabalho, de características do cotidiano, de interação e disputa com o meio aparecem plenamente como componentes da identidade pantaneira.⁶

A Percepção de algumas características regionais, marcadas nas entrevistas de história oral, demonstra que a identidade pantaneira é compreensível no contexto da valorização do espaço e das formas de vida regionais. Insistir que o pantaneiro só existe face ao significado do Pantanal não é tautologia ou determinismo geográfico, mas constatar que o habitante local toma para si vários procedimentos que só podem ser compreendidos juntamente com a percepção do meio e do entorno; da ligação complementar, interativa que também atualiza o *viver* no Pantanal.

A identidade pantaneira, identificada na entrevista com o senhor Valdomiro Lemos de Aquino, estabelece um diálogo “em voz” baixa com outros entrevistados, apontando para a identidade construída sobre pilares que misturam valores, crenças, procedimentos e autodefinição frente ao ambiente em que vivem. Por último, embora não encerre a problemática, acrescento que em outras entrevistas, encontram-se afirmações cujo conteúdo não concordam com a compreensão do senhor Valdomiro; inversamente, indicam um distanciamento à noção de pertencimento à região e identificação com a cultura local e sua configuração. Os qualificativos que o senhor Valdomiro destaca para valorizar sua identidade são enunciados, nessas outras entrevistas, para negar o pertencimento ao ambiente e, especialmente, à cultura local, cujas características mais lembradas, nessa leitura que não encerra concepção de pertencimento, são o atraso e o desconhecimento de técnicas de trabalho mais sofisticadas. Os componentes empregados para justificar e consolidar o típico pantaneiro é amplo o suficiente para proporcionar outras leituras, produzindo outra forma de sentimento de (não)pertencimento àquela região de grande amplitude e muitas formas de auto-identificação.

¹ POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro:FGV. Vol. 5, nº 10, 1992. p. 200-212.

² HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

³ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória; ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.20.

⁴ ENTREVISTA Valdomiro Lemos de Aquino (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 60 min (aprox.), color., son., VHSc.

⁵ BOSI, Ecléa. *Op. cit.* p. 31.

⁶ Um exemplo dessa situação pode ser encontrado no estudo que realizei a respeito das comitivas de boiadas e suas relações com as modificações ocorridas na região. Ver: LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na história, comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Campo Grande/Brasília: EDUFMS/Ministério da Integração Nacional. 2003.